

**Centro Universitário de Brasília – UniCEUB**

**Vítor Barbosa da Silva**

**A IDEOLOGIA POLÍTICA NO HUMOR**

**Brasília  
2005**

**Centro Universitário de Brasília – UniCEUB**

**Vítor Barbosa da Silva**

## **A IDEOLOGIA POLÍTICA NO HUMOR**

**Monografia apresentada para conclusão  
do curso de Comunicação Social,  
Bacharelado em Jornalismo.**

**Orientador: Fernando Antônio P. Braga**

**Brasília  
2005**

**Autor**

Vítor Barbosa da Silva

**Título**

A ideologia política no humor

**Local de realização da banca**

Centro Universitário de Brasília – Brasília - DF

**Data**

20 de junho de 2005

**INTEGRANTES DA BANCA EXAMINADORA**

<b>MEMBROS DA BANCA</b>	<b>ASSINATURA</b>
1. PROFESSOR ORIENTADOR: Professor <b>Fernando Antônio P. Braga</b>	<hr/>
2. PROFESSOR(A) CONVIDADO(A): Prof.(a) Dílson Honório de Oliveira	<hr/>
3. PROFESSOR(A) CONVIDADO(A): Prof.(a) Maria da Glória Lima Barbosa	<hr/>
<b>MENÇÃO FINAL</b>	<hr/>

“Se um belo dia todos os jornais e revistas do mundo aparecerem na mesma língua, o esperanto, por exemplo, e no mesmo feitio, todavia será fácil reconhecê-los: para isso não será necessário senão olhar os desenhos e caricaturas”

Claude Roy

Dedico a minha mãe.

## SUMÁRIO

RESUMO .....	7
INTRODUÇÃO .....	8
1. DEFINIÇÃO DE CHARGE E CARICATURA.....	12
Bibliografia consultada e recomendada .....	16
2. O DESLOCAMENTO E A CHARGE.....	17
Bibliografia consultada e recomendada .....	21
3. COMPARAÇÕES IDEOLÓGICAS NAS CHARGES DO <i>JORNAL DE BRASÍLIA</i> E DO <i>CORREIO BRAZILIENSE</i> .....	22
3.1. Lane Vs. Oscar (primeiro <i>round</i> ).....	22
3.2. Lane Vs. Oscar (segundo <i>round</i> ).....	31
CONCLUSÃO .....	35
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	37

## RESUMO

Muitas pessoas têm o costume de atribuir às charges dos jornais apenas o papel de peça de entretenimento por utilizar o discurso lúdico. Mas suas características vão além de simples passatempos. Por se tratar sempre de criticar fatos reais, elas representam a opinião das empresas que as publicam. Isso fica ainda mais evidente em ano eleitoral.

Em 2002, dois jornais da capital federal – *Jornal de Brasília* e *Correio Braziliense* – defenderam candidaturas diferentes quanto ao cargo de governador do Distrito Federal. As posições de cada um podem ser identificadas de acordo com os temas e personagens satirizados pelos veículos em suas charges.

No *Jornal de Brasília*, os alvos das críticas representadas nas ilustrações foram o fato de haver um 2º turno na capital e denúncias de corrupção envolvendo o candidato Geraldo Magela, do PT. Ambos assuntos foram publicados com o objetivo de desestimular a campanha do petista, o que favorecia o seu principal adversário, Joaquim Roriz, do PMDB, atual e governador na época. Isso demonstra que as charges foram utilizadas como ferramentas do jornal para apoiar o peemedebista, logo se deduz ser essa a ideologia do veículo.

Opondo ao posicionamento do *Jornal de Brasília*, as charges do *Correio Braziliense* apontavam suas críticas para denúncias de corrupção envolvendo Roriz. O que favorecia a campanha de Magela, pois a intenção dessa mídia era denegrir a imagem do governador para que esse perdesse as eleições.

Como uma das características das charges é expor a linha editorial do veículo, torna-se imprescindível à comparação entre os temas ironizados no *Correio* e *Jornal de Brasília*, já que esses tomaram posições opostas. Sátiras que retratavam alvos diferentes revelavam ideologias distintas. Portanto, comparar estas representações facilita entender a ideologia de cada veículo.

## INTRODUÇÃO

A ideologia política no humor foi o tema escolhido para abordagem neste trabalho. Foram analisadas quatro charges desenhadas por Oscar no jornal *Correio Braziliense* e quatro charges desenhadas por Lane no *Jornal de Brasília*. Todas as charges são referentes ao período pré-eleitoral, de agosto a outubro, do ano de 2002. Elas mostram os acontecimentos ocorridos aos candidatos ao governo do Distrito Federal mais expostos pelas mídias na época.

A pesquisa teve como objetivo identificar a tendência ideológica de cada um dos periódicos analisados, considerando-se o momento histórico que transcorria então. O caminho para tal identificação foi a desconstrução das formas de linguagem irônica e metafórica utilizadas nas charges. Para atingir o fim pretendido, o estudo procurou responder algumas questões como a maneira de uma charge interpretar – e induzir o julgamento do leitor – um acontecimento, por que ela representa a tendência de um veículo e como a construção de sentido interfere na ideologia da mensagem satírica. Essas questões ditaram os rumos seguidos no trabalho.

Foram utilizadas ferramentas da Análise de Discurso (AD) para demonstrar como uma charge pode carregar diversas mensagens de forma indireta e subliminar, considerando-se, ainda, o grande valor persuasivo desempenhado pela linguagem poética em um discurso.

O referencial teórico desta pesquisa se concentra em teorias relacionadas à persuasão. O estudo faz uma Análise de Discurso (AD) nas charges dando ênfase ao desvio, ou não-dito. Foi pesquisada a forma de utilização da linguagem metafórica como instrumento persuasivo de acordo com as técnicas da AD.

As charges foram analisadas por meio de suas características. Elas representam críticas humorísticas imediatas de um fato ou idéia, em geral de caráter político. Como todo discurso humorístico, elas têm como objetivo fazer rir. O riso é acompanhado da insensibilidade, pois as pessoas riem das desgraças dos outros, às vezes, delas mesmas. Ele possui a intenção de humilhar ou afastar o dramático das diversas situações, e com ele, certamente de corrigir, pelo menos exteriormente. O riso é, sobretudo, um castigo, uma forma de castigar. Feito para humilhar, deve causar à vítima uma impressão penosa. O riso não atingiria o seu objetivo se carregasse a marca da solidariedade e da bondade.



Como representação de uma idéia ou acontecimento de maneira não convencional, a charge apresenta uma visão crítica e quase sempre impiedosa do seu modelo, provocando com isso o riso ou um momento de reflexão no espectador. Gente de renome, políticos, elites agrárias e urbanas, celebridades e outros poderosos, bem como eventos sociais e políticos, nos quais estão envolvidos são alvos dos chargistas.

Colocadas as características do riso e o objetivo da charge, fica claro que esta sempre traz uma imagem pejorativa de sua vítima, e, como crítica, procura mostrar outra maneira de ver um fato. Logo, ela cria um posicionamento ideológico ao expor sua mensagem. Como o outro lado da moeda, o posicionamento do chargista pode ser observado quando esse apresenta o alvo de sua crítica. Por exemplo: quando é feita uma charge de um político em um jornal, de acordo com os conceitos de charge, essa prejudicará a imagem pública do alvo ironizado. Este efeito favorece o principal adversário do político, principalmente em ano eleitoral, período analisado na pesquisa.

É essa oposição que a pesquisa pretendeu utilizar como ferramenta para provar quais foram as ideologias adotadas pelos jornais *Correio Braziliense* e *Jornal de Brasília* nas eleições de 2002. Conclui-se que ambos jornais assumiram posições opostas quanto à candidatura ao governo do Distrito Federal, pois cada veículo escolheu um candidato diferente como alvo nas charges. Como foi explicado, essa escolha denuncia por oposição o candidato que cada mídia tem como preferência ao governo local. O pesquisador procurou revelar, por meio das análises dos enunciados, presentes nas charges, quais eram as intenções dos chargistas ao expor aqueles desenhos. Finalmente, identifica-se a tendência do veículo quando é reconhecido o personagem favorecido pela publicação de uma certa charge.

Para o auxílio no processo de análise, ao se visar maior pertinência na elaboração de conclusões sobre os diversos pontos do estudo, foi realizada uma pesquisa bibliográfica na literatura que trata de temas relacionados e que pode proporcionar inferências, à medida que o estudo foi se desenvolvendo, além de pesquisas em periódicos com as mesmas características.

Dentre os diversos livros acadêmicos pesquisados, que tratam da linguagem poética, alguns, como *Alegoria da Leitura*, Paul de Man, *Esse ofício do verso*, Jorge Luís Borges, *Introdução à Análise do Discurso*, Helena Nagamine, e *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*, Eni Orlandi, foram utilizados de forma exaustiva para explicar os diferentes

sentidos que podem ser encontrados em uma mensagem. Como ferramentas de análise foram utilizados, também, estudos sobre a origem das charges em *História da Caricatura no Brasil*, Herman Lima, *Caricatura a imagem gráfica do humor*, Joaquim Fonseca, e *Um olhar bem-humorado sobre o Rio nos anos 20*, Ana Paula Brandão.

Para a elaboração de conclusões procedentes, a pesquisa bibliográfica deste estudo se baseou em referências que tratam de assuntos relacionados à ironia, à metáfora e técnicas da Análise de Discurso.

O livro de Eni Orlandi foi utilizado para analisar a construção de significação no discurso. Com a mesma finalidade, o pesquisador utilizou a obra de Paul de Man para explicar como a linguagem metafórica é construída, sendo que é, por meio de estudos deste autor que são abordados textos de Nietzsche no capítulo intitulado “Retórica de Tropos”, encontrado na obra pesquisada.

Este estudo consiste em uma análise sobre uma amostra intencional de caráter não-probabilístico. Este tipo de amostragem diz respeito a um objeto de estudo escolhido de acordo com a consciência do pesquisador, que classificou esse material como adequado para que fossem tiradas conclusões gerais sobre as problemáticas que foram levantadas. O material utilizado é uma amostra intencional, porque o estudo tem características qualitativas.

A pesquisa foi baseada na utilização de Análise de Discurso. O propósito da utilização desse método analítico foi apresentar um aparato técnico que possibilitasse ao pesquisador realizar procedimentos de pesquisa qualitativa para a análise das mensagens das charges.

A análise de discurso foi realizada de modo a permitir uma exploração do objeto de estudo, de forma que se compreenda o que é dito e que se averigüe, também, o não-dito na mensagem, sendo que essas duas faces da imagem e do enunciado guiaram na formação do sentido. Os elementos da Análise de Discurso que foram utilizados nesta pesquisa são: a *ironia*, que visa a criticar e ridicularizar pessoas e situações expostas nas charges, com o objetivo de divertir o público, adotando uma configuração absurda, por meio de enunciados, com caráter hiperbólico; a *paráfrase*, que diz respeito à avaliação de um fato que foi mencionado nos jornais e, depois, foi representado pela charge analisada, assumindo, tal fato, assim, uma posição de exterioridade em relação à charge; a *citação*, que transcreve a opinião do chargista, e, neste caso, o chargista deve produzir enunciados

de conhecimento público, para que o leitor compreenda a mensagem; a *pressuposição*, que procura reorientar os fatos, com normalizações pressupostas como verdades, pois a charge tem como principal característica a parcialidade; a *metonímia*, que procura tomar a parte pelo todo, já que a charge representa uma síntese de um fato e o *relato*, que procura seguir a seqüência imposta pelo autor, que reforça os dados como lhe convier.

Com o intuito de tornar o estudo mais pertinente, foram analisadas as condições de produção das charges, já que esses aspectos exteriores ao texto têm o papel fundamental para a Análise de Discurso. As produções que predominaram na pesquisa foram: a *ironia*, pois o texto irônico diz de forma velada exatamente o contrário daquilo que diz de forma clara; a *ambigüidade*, já que a charge não pode ser interpretada de forma literal e sim em um sentido figurado, possuindo assim mais de um sentido; a *dimensão sócio-histórica do discurso*, porque é preciso que o leitor esteja devidamente situado quanto ao conteúdo do texto, pois de outra forma não conseguirá entender a mensagem satírica; a *intertextualidade*, uma vez que essa condição de produção se baseia no conjunto das relações explícitas e/ou implícitas que um texto mantém com outro texto para produzir um sentido único, um processo semelhante à paráfrase, e a *relação formações discursivas e formações ideológicas*, que diz respeito à concepção de que o discurso “materializa” o contato entre o ideológico e o lingüístico – tomando o significante verbal e não-verbal – na medida em que “os efeitos das contradições ideológicas são representados em todos os significantes”.

Este trabalho visa a seguir uma linha de raciocínio indutiva, ao propor modalidade de análise que estuda uma amostra reduzida, para se chegar a conclusões mais gerais sobre as formas de persuasão veiculadas por meio das charges.

## 1 – DEFINIÇÃO DE CHARGE E CARICATURA

Para se entender qual é a definição de charge, é preciso, antes, saber o que é caricatura, pois aquela nada mais é que uma subdivisão desta última. Portanto, tudo que for atribuído à charge necessariamente está incluso na caricatura. Seguindo esse caminho, este capítulo trata do conceito de caricatura e sua história, desde os princípios, argumentando sobre suas características e objetivos, até chegar à definição de charge propriamente dita.

Carlos Alberto Rabaça e Gustavo Guimarães Barbosa definem, em sua obra *Dicionário de Comunicação*<sup>1</sup>, que as caricaturas são representações da fisionomia humana com características grotescas, cômicas ou humorísticas. Segundo eles, a forma caricatural não precisa estar ligada apenas ao ser humano, mas as referências humanas são sempre necessárias para que a caricatura se realize. Henry Bergson, em seu livro *O riso*<sup>2</sup>, identifica o riso como uma condição exclusivamente humana, e é dele a afirmação de que o homem é o único animal que ri:

“Não existe riso fora do humano. O cômico se destina à inteligência pura e essa inteligência deve permanecer em contato com outras inteligências. O riso é acompanhado de insensibilidade, pois rimos da desgraça dos outros. Não é puro o prazer de rir. Mistura-se a ele uma segunda intenção de humilhar, e com ela, certamente de corrigir, pelo menos exteriormente. O riso é sobretudo um castigo, uma forma de castigar. Feito para humilhar, deve causar à vítima dele uma impressão penosa. O riso não atingiria o seu objetivo se carregasse a marca da solidariedade e da bondade.”(BERGSON, 1983, p.12).

A etimologia da palavra caricatura vem do italiano *caricare*, que significa exagerar, exceder. O artista estará realizando uma caricatura sempre que sua intenção principal for representar qualquer figura de maneira não convencional, exagerando ou simplificando os seus traços, acentuando de maneira despropositada um ou outro detalhe característico, procurando revelar um ponto não percebido, ressaltar uma má qualidade escondida, apresentar uma visão crítica e quase sempre impiedosa do seu modelo, provocando com isso o riso ou um momento de reflexão no espectador.

A pesquisadora Ana Paula Brandão, em sua obra *Um olhar bem-humorado sobre o Rio nos anos 20*<sup>3</sup>, que fala sobre os primeiros passos da caricatura no Brasil, destaca qual é o objetivo dessa arte:

---

<sup>1</sup> BARBOSA, Gustavo; RABAÇA, Carlos Alberto. *Dicionário de Comunicação*. São Paulo: Campus, 2001.

<sup>2</sup> BERGSON, Henry. *O riso*. 2ªed. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

<sup>3</sup> BRANDÃO, Ana Paula. *Um olhar bem-humorado sobre o Rio nos anos 20*. Rio de Janeiro: Prefeitura do Rio de Janeiro, 2003.

“A caricatura é marcada pelo efeito cômico onde o objetivo em questão é satirizado de tal maneira que suas mais marcantes características são exacerbadas ou multiplicadas. Detalhes da fisionomia, traços, manias, tudo vira marca. E a caricatura só atinge sua ‘função’ se prontamente reconhecida pelo receptor. A empatia provocada pela caricatura no receptor pode ser explicada pela agilidade com que a sátira se auto-explica, ou se faz entender.”(BRANDÃO, 2003, p. 63)

Caricatura é uma arte que ridiculariza suas vítimas. Gente de renome, políticos, elites agrárias e urbanas, celebridades e outros poderosos, bem como eventos sociais e políticos em que estão envolvidos são os alvos principais dos caricaturistas. Herman Lima, em sua obra *a História da Caricatura no Brasil*<sup>4</sup>, cita Paul Gaultier, para explicar porque os caricaturistas procuram satirizar personalidades e acontecimentos que estão na mídia:

“Para Paul Gaultier, ‘O contentamento é tanto mais forte e o riso mais ácido quanto o personagem em sua causa seja mais célebre. A tudo o que tende a rebaixar uma personalidade, nós gozamos o duplo regalo de crescermos por oposição e de crescermos em detrimento duma personagem que nós tínhamos habituado a considerar, crescemos pelo que a rebaixa.’”(LIMA, 1963, p.5)

Seguindo essa linha de degradação, que a caricatura provoca em seus alvos, e comparando os conceitos da caricatura, Joaquim Fonseca, em sua obra *Caricatura a imagem gráfica do humor*<sup>5</sup>, corrobora o mesmo ponto de vista de Gaultier:

“O caricaturista faz seu modelo descer do pedestal. Se o retratista pinta um modelo como esse deseja ser visto pelos outros, o caricaturista revela como os outros deveriam ver o modelo.”(FONSECA, 1999, p.19)

Fonseca vai mais além em sua análise quando compara o retrato sério, que seria uma representação embelezada do modelo pois esconde os defeitos, com a caricatura: uma representação grotesca que realça os defeitos. Segundo ele, os ofícios do pintor de retratos e do caricaturista são complementares por oposição um ao outro. O primeiro esforça-se em atenuar os defeitos do seu modelo, e o segundo procura uma visão não no aprofundamento, mas no exagero dos traços. “O retratista luta contra o tempo, o caricaturista, ao contrário, prende-se a ele”.

Fonseca afirma que, na medida em que o retrato ‘sério’ dá ao modelo uma imagem lisonjeira, idealizada, a caricatura é mais fiel na sua irreverência porque desnuda a personalidade real do caricaturado. Para Aristóteles “quando se tem que representar certas personagens pela imitação, devesse necessariamente pintá-las melhores ou piores do que

<sup>4</sup> LIMA, Herman. *História da Caricatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1963.

<sup>5</sup> FONSECA, Joaquim. *Caricatura: a imagem gráfica do humor*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1999.

são”. Quer dizer, o caráter deve ser acentuado, sempre, como elemento decisivo para sua identificação.

Os conceitos do belo e do feio começaram a ser enfrentados no final do século XIX e início do XX. Os temas nobres do “classicismo” e do “academicismo” tornaram-se ridículos e ultrapassados. O artista passou a tomar por modelos a atriz, a prostituta, figuras triviais do seu mundo real, ao invés de pintar cenas mitológicas ou idealizadas.

Os mestres da imagem encontraram nos periódicos um cenário perfeito para expor suas obras sob essa nova ótica. Com a modernização da imprensa e devido ao fato de a fotografia ser uma técnica restrita e bastante complexa nessa época, a caricatura foi conquistando espaço naqueles meios de comunicação. A charge – ramificação da caricatura que tem como característica a crítica humorística imediata de um fato ou acontecimento específico, em geral de caráter político – foi o formato ideal que os artistas encontraram para adaptar as necessidades temporais do jornal à caracterização do cotidiano moderno. O caricaturista era quem ilustrava os jornais com charges que representavam políticos, idéias e acontecimentos gerais de caráter público.

O avanço da imprensa humorística no Brasil ocorreu por conta da Proclamação da República e o conseqüente desenvolvimento das cidades. Antes, o humor era visto com desdém e desconfiança por uma sociedade fortemente hierarquizada conservadora e elitista. À medida que a caricatura foi ganhando prestígio, essa desconfiança ficou ainda maior.

Hoje, os jornais e revistas do mundo inteiro dão às mais diversas formas de caricatura espaço nobre, muitas vezes na primeira página dos diários, como o jornal o *Globo*, no Brasil. Caricaturas e charges se tornaram verdadeiros editoriais, comentários sociais que, velados pela ironia ou explicitamente opinativos pela sátira e pelo sarcasmo, mostram com simples figuras o que não poderia ser dito com menos de mil palavras.

Além de servirem como espelho da história, as caricaturas e charges, publicadas nos periódicos brasileiros no início do século XX, como o *Careta*, *D.Quixote* e *O Malho*, servem também como ponto de observação sobre o posicionamento destes veículos de comunicação frente aos acontecimentos do país. Por meio delas detecta-se, por exemplo, que essas revistas faziam oposição à candidatura de Nilo Peçanha para a Presidência da República; ou que criticavam o atraso nas obras da Exposição da Arte Moderna de 1922. Uma única caricatura ou charge muitas vezes dizia mais que um editorial bem escrito. Esse contexto continua forte, vide o exemplo de um dos maiores jornais do país que é o *Globo*,

utilizando a charge em sua primeira página para ressaltar acontecimentos, criticar e se posicionar perante os rumos do país.

A linguagem visual que é utilizada pelo seu impacto e universalidade fica impregnada de conteúdo indelével de opinião, tornando-se com frequência a primeira atração a ser procurada nos jornais. Joaquim Fonseca destaca a importância desta linguagem:

“Ninguém pode negar a importância do desenho humorístico na imprensa, seja como documento histórico, como fonte de informação social e política, como termômetro de opinião, como fenômeno estético, como expressão artística e literária ou como simples forma de diversão e passatempo.”(FONSECA, 1999, p.13)

O certo é que a caricatura política ou social raramente pode levar ao riso despreocupado. É sabido que o humor é o objeto principal da charge, porém, nesse caso, não pode ser visto simplesmente como uma brincadeira. É mais que isso: quando satirizam algo, quando fazem uma caricatura verbal ou visual, o que pretendem não é apenas fazer rir; aqui, o humor tem essa característica de impacto, de chamar a atenção; é uma maneira fácil de fazer pensar sobre um assunto, objetivando criticar sobre vários temas, sejam eles: políticos, sociais, culturais, de comportamento, enfim, tudo é motivo para críticas. O humor permite uma condensação de idéias e, conseqüentemente, agilidade na comunicação. Herman Lima ressalta a importância desta característica:

“A arma do caricaturista dos tempos modernos é tão poderosa que dispensa os excessos da deformação e da distorção, desde que ele pode, muito mais do que o escritor, exprimir seu pensamento, caracterizando a verdade.”(LIMA, 1963, p.15)

Comparando os efeitos da caricatura, Sílvio Lago é mais sisudo em seu comentário do que Herman Lima quando diz que “essa arte, tão sutil e objetiva, reflete os momentos contemporâneos com uma exatidão, com um instinto heróico e uma consciência instintiva da vida futura que, a seu lado, qualquer das Belas-Artes se amesquinha, e a literatura se confessa envergonhada de seus artifícios retóricos”. Seguindo essa mesma linha de pensamento, o escritor Jorge Luís Borges, em seu livro *Esse ofício do Verso*<sup>6</sup>, reflete sobre esse poder persuasão:

“Qualquer coisa sugerida é bem mais eficaz do que qualquer coisa apregoadada. Talvez a mente humana tenha uma tendência a negar declarações. Argumentos não convencem porque são apresentados como argumentos. E então os contemplamos, e refletimos sobre eles, e os ponderamos, e acabamos decidindo contra eles. Mas quando algo é simplesmente

---

<sup>6</sup> BORGES, Jorge Luís. *Esse Ofício do Verso*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

dito ou – melhor ainda – insinuado, há uma espécie de hospitalidade em nossa imaginação. Estamos dispostos a aceitá-lo.”(BORGES, 2001, p.40).

Caracterizar é a própria finalidade da charge, em substituição à simbologia do passado. Daí o poder de síntese que se exige da charge, seja pessoal, seja social ou política, a fixação do traço definidor do caráter ou de uma situação, de acordo com o fato, e a sensibilidade dos chargistas, em condições de lhe permitirem a apreensão de certos índices, pessoais ou coletivos, reveladores do *pathos* individual das pessoas.

## **BIBLIOGRAFIA CONSULTADA E RECOMENDADA**

### **Livros**

BARBOSA, Gustavo; RABAÇA, Carlos Alberto. *Dicionário de Comunicação*. São Paulo: Campus, 2001.

BERGSON, Henry. *O riso*. 2ªed. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

BORGES, Jorge Luís. *Esse ofício do verso*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

BRANDÃO, Ana Paula. *Um olhar bem-humorado sobre o Rio nos anos 20*. Rio de Janeiro: Prefeitura do Rio de Janeiro, 2003.

FONSECA, Joaquim. *Caricatura: a imagem gráfica do humor*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1999.

LIMA, Herman. *História da Caricatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1963.



## 2 – O DESLOCAMENTO E A CHARGE

Como foi dito no capítulo anterior, as charges têm como característica a crítica humorística de um fato ou acontecimento específico de caráter público. Com o objetivo de tornar esta crítica mais ferrenha, o chargista sempre utiliza diversas figuras de linguagem em seu discurso. Essas figuras facilitam a leitura da charge devido à associação que o leitor faz dos enunciados, presentes na ilustração, com a mensagem que o autor pretende transmitir.

A transmissão dessa mensagem deve obedecer alguns pressupostos para que ela não seja interpretada de forma incorreta. Um deles seria o de que toda leitura de uma charge deve ser elaborada no sentido figurado, pois os enunciados do texto são representações figurativas, como metáforas, ironia, hipérbole, e outros. Caso o leitor faça uma leitura literal, terá uma idéia errônea quanto ao conteúdo da mensagem.

Procurando conceituar a construção do discurso humorístico nas charges, este capítulo pretende explicar a diferença destes dois tipos de leituras, figurada e literal, por meio de estudos da semiótica e da lingüística.

É preciso lembrar que toda charge procura satirizar, de forma retórica, um fato ou uma pessoa. Para alcançar esse objetivo, o chargista trabalha na maioria das vezes, em suas obras, com mecanismos sugeridos, como a linguagem figurada, pois a linguagem literal (função referencial), assim como o retrato sério, enfraquece a eloquência. A sátira é apenas uma interpretação irônica de um fato, logo uma ironia, uma figura de linguagem. Portanto, visto que toda charge é uma figura de linguagem, é preciso explicar em que consiste a linguagem figurada e a retórica. Para chegar a essa consistência é necessário observar as características da linguagem literal, pois a existência de uma denuncia, por oposição, a presença da outra, se não explicitamente, por referência.

Paul de Man, em sua obra, *Alegoria da Leitura: linguagem figurativa em Rousseau, Nietzsche, Rilke e Proust*<sup>7</sup>, analisa a forma que Nietzsche interpreta a linguagem figurada e literal no capítulo intitulado Retórica de Tropos. “Não existe tal coisa como uma linguagem não-retórica, “natural”, que possa ser usada como ponto de referência: a própria linguagem é o resultado de truques e instrumentos puramente retóricos... A linguagem é retórica, pois

---

<sup>7</sup> MAN, Paul. *Alegoria da Leitura: linguagem figurativa em Rousseau, Nietzsche, Rilke e Proust*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

só tem a intenção de veicular uma *doxa* (opinião) e não uma *episteme* (verdade)... Os tropos não são algo que se possa acreditar ou subtrair da linguagem ao nosso bel prazer; mas sim a sua natureza mais verdadeira. Não há algo como um significado próprio que só possa ser comunicado em alguns casos particulares.”

Nietzsche chega à conclusão de que nenhum enunciado pode ser utilizado como referencial, pois ele sempre será uma figura ou metáfora. Trazendo essa afirmação para as charges, segundo o filósofo, um retrato sério ou uma fotografia, que pretendem ser uma representação fidedigna de uma imagem, ou seja, um espaço referencial, é uma figura assim como a caricatura. Porém, Paul de Man pondera as palavras de Nietzsche:

“A afirmação explícita de que a estrutura paradigmática da linguagem tem natureza retórica em vez de representativa, ou capaz de expressar um significado próprio, referencial, é uma afirmação mais categórica nesse texto relativamente precoce de Nietzsche, do que naqueles de seus predecessores nos quais ela se inspira. Marca uma total inversão das prioridades estabelecidas, que tradicionalmente enraízam a autoridade da linguagem em sua adequação a um referente ou significado extralingüístico, e não nos recursos intralingüísticos das figuras.”(MAN, 1996, p.128)

Paul de Man explica que essa inversão de prioridades estabelecidas tem a ver com o que Nietzsche chama de o fenomenalismo da consciência, uma tendência a descrever os eventos mentais, tais como a lembrança ou a emoção, em termos derivados da experiência do mundo dos fenômenos, percepção sensória, interpretação de estruturas espaciais etc. Nietzsche intitula isso de “fenomenalismo do mundo interior”. Isso representa inversão cronológica que faz com que a causa atinja a consciência depois do efeito. Para Nietzsche as percepções que ingenuamente eram consideradas como determinadas pelo mundo exterior são muito mais determinadas a partir do interior “...o fragmento de mundo exterior do qual temos consciência é um correlativo do efeito que nos atingiu a partir de fora e que então é projetado, a posteriori, como sua causa”.

A pesquisadora Helena Nagamine Brandão, no ensaio *Introdução à Análise de Discurso*<sup>8</sup>, ilustra essa inversão quando debate sobre duas tendências opostas de lingüistas, a representativa (estruturalista) e a demonstrativa (pós-estruturalista):

“Segundo a apistemologia clássica, a língua como função representa o real. Para ela, um enunciado era verdadeiro se correspondesse a um estado de coisas existentes. Ela mobilizava, dessa forma, o conceito de verdade, privilegiando o lexicalismo na teorização da língua e da significação. Isso é, de acordo com essa tendência representativa os nomes representariam o protótipo das categorias gramaticais, atribuindo-se ao nome próprio a idéia de representação pura. E nesse quadro não se coloca a questão da subjetividade. Esse poder de representação da língua continua na episteme moderna, mas para uma vertente de lingüista, filósofos da linguagem, essa função deixa de ser fundamental.

<sup>8</sup> BRANDÃO, Helena Nagamine. *Introdução à Análise de Discurso*. 7ª ed. Campinas: Unicamp, 1988.

Opondo-se ao tradicional paradigma clássico platônico, emerge, assim, uma nova maneira de ver a língua, apreendendo-a enquanto função demonstrativa. Desloca-se o lugar da função representativa do real, a língua adquire espessura própria, pois liberta das amarras que a prendiam a uma concepção que a considerava apenas enquanto capacidade de exprimir representações, passa a ser desvendada sua estrutura”.(BRANDÃO, 1988, p.45)

Nagamine fala desse deslocamento apenas no campo da língua, mas não é difícil encontrar esse deslocamento em outras formas de representação. Por exemplo, nas charges ou piadas. Quando uma charge representa um fato ou uma personalidade de maneira irônica e metafórica, ela está, nada mais que deslocando o sujeito de seu estado natural, que seria determinado pelos estruturalistas como sua forma pura, para um outro sujeito subjetivo. A metáfora cria uma nova voz para o fato real, deslocando papéis e funções deste.

Nesse quadro teórico, o sujeito passa a ocupar uma posição privilegiada, e a linguagem passa a ser considerada o lugar de constituição da subjetividade. E porque a linguagem constitui o sujeito, pode representar o mundo.

Paul de Man analisa uma obra de Nietzsche, *A Vontade de Potência*, e encontra semelhanças sobre os conceitos de deslocamento de Helena Nagamine e o da inversão de Nietzsche:

“Os atributos da centralidade e do eu estão sendo permutados no campo da linguagem. Transformar a linguagem que nega o eu em um centro resgata o eu lingüisticamente, ao mesmo tempo em que afirma sua insignificância, sua vacuidade como mera figura de linguagem. Ele só pode existir como eu se for deslocado para o interior do texto que o nega. O eu que no início era o centro da linguagem como seu referencial empírico agora se transforma na linguagem do centro como ficção, como metáfora do eu. O que originalmente era um texto simplesmente referencial agora se transforma no texto de um texto, na figura de uma figura”.(MAN, 1996, p.134)

Eni Orlandi analisa o percurso da concepção do sujeito nas teorias lingüísticas modernas e distingue as seguintes três etapas.

Primeira fase, em que as relações interlocutivas estão centradas na idéia da interação, harmonia convencional, troca entre o *eu* e o *tu*. Uma concepção idealista.

Segunda fase, em que se passa para a idéia do conflito. Centradas no *outro*, segundo essa concepção, as relações intersubjetivas são governadas por uma tensão básica em que o *tu* determina o que o *eu* diz, ocorrendo uma espécie de tirania do primeiro sobre o segundo. É a concepção fortemente influenciada pela retórica.

Terceira fase, essa a que mais interessa neste estudo sobre charges, em que se reconhece, no binarismo da concepção anterior, uma polarização que impedia apreender o sujeito na sua dispersão, diversidade ao reconhecer nele um caráter contraditório que, marcado pela incompletude, anseia pela completude, pela vontade de “querer ser inteiro”.

Assim, numa relação dinâmica entre identidade e alteridade, o sujeito é ele mais a complementação do outro. O centro da relação não está, como nas concepções anteriores, nem no *eu* nem no *tu*, mas no espaço discursivo criado entre ambos. O sujeito só se completa na interação com o outro.

Essa última etapa é a trilha que irá condicionar o rumo de qualquer charge, pois ela representa o caminho para construir uma linguagem figurativa. A relação é construída a partir do momento que o leitor, fazendo a leitura da charge, compreende o deslocamento de um enunciado, provocado pelo chargista propositalmente, presente no contexto da charge. Esse leitor, que aspirando pela completude, irá procurar recolocar esse enunciado no local que ele tem, como concepção, ser seu habitat natural, sua verdade. A mensagem depende do reconhecimento do enunciado e da recondução deste à realidade. É preciso que o leitor tenha uma concepção de habitat natural, para o enunciado encontrado, oposta ao que se encontra na charge. A lembrança de que o enunciado está deslocado depende do seu entendimento literal e figurado. Os dois entendimentos, agindo concomitantemente, constroem a figura de linguagem.

Nesse nível da mensagem, a presença do outro não é explícita por marcas unívocas na charge. É o caso do discurso indireto livre, da ironia, da antífrase, da alusão, da imitação, da reminiscência em que se joga com o outro discurso não mais no nível da transparência, do explicitamente mostrado ou dito, mas no espaço do implícito, do sugerido. Aqui não há uma fronteira lingüística nítida entre a fala do locutor e do outro, as vozes se misturam nos limites de uma única construção lingüística.

Paul de Man expõe bem esse raciocínio quando interpreta Nietzsche:

“A desconstrução do eu como metáfora não termina na rigorosa separação das duas categorias (eu e figura), mas termina em uma permuta de propriedades que permite sua persistência mútua em detrimento da verdade literal. Esse processo é exatamente igual ao que Nietzsche descreve como a “mentira” exemplar da linguagem: O mentiroso usa as designações válidas, as palavras, para fazer com que o irreal pareça real... Usa de forma indevida as convenções lingüisticamente estabelecidas através de substituições arbitrárias ou até inversões dos nomes. Afirmando no modo da verdade que o eu é uma mentira, não escapamos da ilusão. Apenas invertemos o esquema usual que deriva a verdade da convergência entre o eu e o outro, demonstrando que a ficção de uma tal convergência é usada para permitir que se origine a ilusão do eu.”(MAN, 1996, p.135)

O efeito metafórico, o deslize, é o lugar da interpretação da ideologia. Essa é a relação entre a língua e o discurso: a língua é pensada como sistema sintático intrinsecamente passível de jogo e a discursividade como inscrição de efeitos lingüísticos materiais na história: deslizes, paráfrases, metáforas etc. Num retorno contínuo do objeto de

análise para a teoria, num movimento constante de descrição e interpretação, o analista tece as intrincadas relações do discurso, da língua, do sujeito, dos sentidos, articulando ideologia e inconsciente. Este modo de conceber o deslize, o efeito metafórico, como parte do funcionamento discursivo, liga-se à maneira de se conceber a ideologia.

## **BIBLIOGRAFIA CONSULTADA E RECOMENDADA**

### **Livros**

BRANDÃO, Helena Nagamine. *Introdução à Análise do Discurso*. 7ªed. Campinas: Unicamp, 1988.

MAN, Paul. *Alegoria da Leitura: linguagem figurativa em Rousseau, Nietzsche, Rike e Proust*. 3ªed. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

ORLANDI, Eli. *Análise de Discurso*. 5ªed. Campinas: Pontes, 2003.

### **3 – COMPARAÇÕES IDEOLÓGICAS NAS CHARGES DO JORNAL DE BRASÍLIA E DO CORREIO BRASILIENSE**

Neste capítulo a pesquisa vai demonstrar, por meio de análises da amostra, qual foi o posicionamento assumido por cada um dos veículos, *Correio Brasiliense* e *Jornal de Brasília*, nas eleições para governador do Distrito Federal (DF). Partindo do pressuposto de que toda charge tem como característica criticar uma personalidade ou um fato, fica claro que este tipo de texto sempre carrega uma mensagem parcial. Logo, quando o referido discurso critica um fato ou um político está, por oposição, expondo sua tendência, a do principal adversário da vítima. O alvo da charge denuncia o candidato que o jornal apóia.

As charges de ambas mídias foram analisadas e comparadas para identificar qual foi o posicionamento tomado por essas. Para se chegar a conclusões pertinentes, o *corpus* do estudo foi dividido de forma equilibrada, pois o pesquisador preocupou-se em selecionar quatro desenhos do chargista Oscar, produzidos para o *Correio Brasiliense*, e quatro do chargista Lane para o *Jornal de Brasília*. Todas as charges exploram como tema as eleições de 2002, pois foram produzidas no período pré-eleitoral desse mesmo ano, agosto a outubro.

Como o intuito de promover inferências pertinentes, visto que o objetivo da pesquisa é mostrar o posicionamento de cada veículo, o pesquisador selecionou desenhos com ângulos diferentes sobre o mesmo assunto. A amostragem permitiu ao pesquisador opor os pontos de vista dos jornais, pois esse recurso gráfico, a charge, consegue mobilizar o público por meio do choque e impacto provocado pelo deslocamento dos enunciados. Como foi dito no capítulo anterior, esse desvio faz parte do sentido na charge. A partir dele o chargista atinge seu objetivo, a ironia. Com isso, constrói críticas “ácidas” às suas vítimas e faz o leitor refletir a respeito de um determinado fato ou político.

#### **3.1 – Lane Vs. Oscar (primeiro round)**

Neste tópico o pesquisador pretende analisar somente charges que foram produzidas entre os dias 24 de agosto e 6 de outubro no ano de 2002, período que representa o primeiro turno das eleições. A idéia é comparar quais foram as formas utilizadas pelos chargistas, Lane e Oscar, para demonstrar suas críticas e, concomitantemente, seus posicionamentos, suas ideologias. É importante lembrar que a pesquisa consiste em um estudo parcial, que

busca apenas desvelar os enunciados presentes em cada charge analisada, sem julgar se um jornal agiu certo e outro errado.

As primeiras três charges a serem analisadas foram produzidas por Lane para o *Jornal de Brasília*. Todas enfocam o mesmo tema: o fato de a eleição para governador no DF ser decidida já no primeiro turno. As representações deste fato foram baseadas na pesquisa eleitoral do Instituto Soma, quanto à preferência do eleitor brasileiro ao governo local, publicada nesse mesmo jornal no dia 13 de agosto de 2002. A pesquisa indicava o candidato à reeleição, Joaquim Roriz, do PMDB, com 54% das intenções de voto. Caso esta intenção estipulada fosse mantida até o dia da eleição, 6 de outubro, era provável que o peemedebista ganhasse no primeiro turno.

A primeira charge feita por Lane para *Jornal de Brasília*, ironizando o fato de haver segundo turno, foi publicada no dia 24 de agosto (Figura 1).



**Figura 1**

A ilustração mostra uma pessoa consultando a vidente. O cartaz na parte de fora da tenda indica técnicas que são utilizadas como crenças para profetizar eventos: tarô, búzios, horóscopo chinês e numerologia. Os desenhos de luas e estrelas na tenda reforçam a idéia, por meio da historicidade e do conhecimento popular, de que ali, a vidente faz atendimento ao público sobre profecias com o uso das técnicas indicadas no cartaz.

A pessoa coberta parcialmente pela tenda representa o cliente da vidente. A frase “Vejo um segundo turno no DF descendo pelo ralo!” indica diversos discursos. Mas, para seguir o caminho rápido de raciocínio, de acordo com os objetivos da pesquisa, é importante identificar apenas os principais.

Analisando este enunciado, o termo “...descendo pelo ralo” é uma metáfora irônica, figura de linguagem. Ela foi utilizada para ridicularizar aquelas pessoas que tinham a



esperança de que a eleição fosse para o segundo turno ou que o candidato apontado como líder na pesquisa Soma perdesse. A frase da vidente denuncia por antecipação que seu cliente está preocupado com a possibilidade de haver ou não segundo turno. A previsão pode ter decepcionado ou alegrado o cliente, porque não fica claro no texto qual é a expectativa desse para o futuro. O que pode ser identificado é apenas qual foi o motivo da consulta.

Não ligando para a receptividade de seu cliente com a notícia, a vidente faz uma ironia, pois “...descendo pelo ralo” é uma figura de linguagem. Por meio de paráfrase se pode identificar essa figura: não haverá segundo turno. A mensagem é a mesma, mas ela poderia deixar o leitor indiferente. Como toda charge deve provocar o riso, a indiferença não pode ser proposta neste tipo de discurso. Logo, a charge deve ridicularizar sempre. Nesse caso, Lane humilha o eleitor que anseia pelo segundo turno ou que faz oposição ao líder da pesquisa divulgada pelo Soma, visto que esse candidato era quem possuía mais chances de ganhar no primeiro turno.

O chargista produz mais duas ilustrações com o mesmo foco. No dia 18 de setembro, Lane fez uma charge que personificou o segundo turno como algo temido pelo eleitor (Figura 2).



**Figura 2**

Nela, um eleitor é surpreendido por figuras metafóricas que são representadas como os temores dos brasileiros na época. O primeiro medo que tenta assustá-lo é o desemprego, simbolizado pelo diabo cuspidor segurando um tridente. Uma figura que representa o mal para o cristianismo e o inconsciente coletivo. Porém, a vítima age indiferente diante da aberração, transmitindo assim a idéia de que ela não teme a possibilidade de ficar desempregada. Em seguida, o eleitor encontra-se diante de seqüestradores armados



caminhando em sua direção com olhares ameaçadores. Novamente, o brasileiro, que deveria temer tais marginais, devido sua fragilidade de reagir a um possível seqüestro e a ineficiência da segurança pública, fica com o olhar tranqüilo, da mesma forma que observava o desemprego no quadro anterior. Continuando sua caminhada em meio às ameaças, surge a figura mitológica do dragão da inflação, também, com expressão ofensiva. O brasileiro permanece impassível, dando a entender que o possível fato de os preços no mercado aumentarem não o assusta.

No quarto quadro, o brasileiro encontra-se diante de um personagem sorridente de óculos escuros com uma camisa escrita “vote” e uma placa “2º turno”, como se estivesse fazendo campanha política. Os óculos escuros escondem os olhos, o principal índice que identificava a intenção das aberrações anteriores. Com isso, fica impossível concluir qual é a intenção do personagem para com o eleitor. Porém, esse, independente de deduzir qual é essa intenção pelo olhar, foge assustado, dando a entender que apenas os enunciados da placa e da camisa foram suficientes para amedrontá-lo.

A ironia pode ser identificada pela comparação da reação que o eleitor teve diante do personagem do quarto quadro com a reação que ele teve nos outros. Enquanto nos três primeiros quadrantes as aberrações eram colocadas de formas ameaçadores e a reação do eleitor foi de tranqüilidade, sendo que deveria ser de medo, ele ficou assustado apenas com os enunciados da placa que o personagem do quarto quadrante carregava, já que nesse não pode ser identificado nenhum índice nocivo ao eleitor. A presença deste índice poderia desviar a verdadeira intenção do discurso. O sentido da charge é colocar o segundo turno como algo mais terrível do que o desemprego, a violência e a inflação.

A ironia pode ser observada, também, no âmbito do interdiscurso quando comparadas as conseqüências que os primeiros monstros podem causar ao brasileiro, com as do personagem que representa o segundo turno. No último caso, o fato de haver ou não 2º turno não prejudica o eleitor. Porém, todas as ameaças anteriores, embora colocadas de forma metafórica, podem afetar diretamente a vida do brasileiro.

Continuando suas críticas, Lane produz o terceiro e último desenho com o tema do “1º versus 2º turno” no dia 24 de setembro (Figura 3). Nesse, o chargista menospreza todas as pessoas que anseiam pelo segundo turno colocando-as como vítimas do primeiro turno que iria derrotá-las.



**Figura 3**

A ilustração mostra eleitores que torciam por um segundo turno comemorando antecipadamente e carregando nas costas o candidato que apoiavam e que levaria as eleições para o 2º turno. Porém, eles caminham na direção do rolo-compressor que o chargista desenhou para simbolizar o primeiro turno. A fumaça saindo da chaminé da máquina indica que ela está ligada só esperando os festeiros chegarem no alvo para esmagá-los. Nada pode impedir o desastre, pois o veículo está escondido na esquina para surpreendê-los.

É interessante observar que o motorista do veículo é colocado apenas como uma sombra, sendo impossível identificá-lo ou fazer qualquer inferência quanto sua pessoa. A ausência de rosto, assim como um carrasco, permite ao motorista realizar uma ação desumana, esmagar as pessoas, que é o pretendido, sem prejudicar a imagem do candidato que ele representa.

A ironia dessa mensagem pode ser vista quando se compara a alegria e a inocência dos manifestantes, que não podem ver o que lhes espera na esquina, com a imponente da máquina sorrateira, preparada para fazer uma surpresa nada agradável aos eleitores. A ironia mordaz presente na charge emerge por meio de paráfrase: pobres boêmios, mal sabem o que lhes espera.

O rolo-compressor pode ser lido metaforicamente como a intenção de votos que o líder da pesquisa do Instituto Soma possuía (54%). Pois se esse percentual fosse concretizado nas urnas, Roriz venceria no 1º turno. O alvo no qual a máquina espera suas vítimas é o dia 6 de outubro, data em que seria revelada a vitória do candidato peemedebista. Nesse dia, aconteceria um desastre ao qual o chargista previa: o rolo-compressor, representação dos votos recebidos por Joaquim Roriz, esmagaria todos os

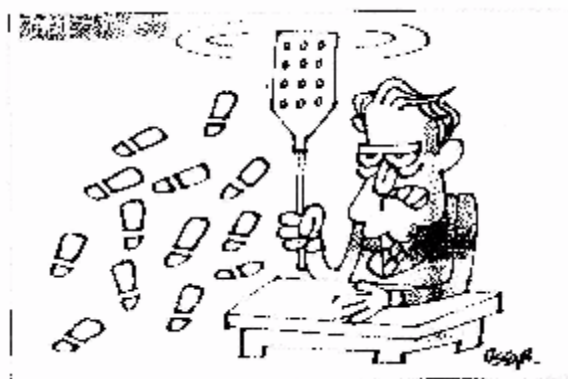
eleitores anti-rorizistas, os manifestantes, e, com eles, a esperança de haver segundo turno. O sentido da charge pode ser identificado na paráfrase: peemedebista vence no primeiro turno com número expressivo de votos.

Essas três charges expõem a hipótese do segundo turno sempre de forma pejorativa, pois elas ridicularizam todos os eleitores que anseiam por ela. A intenção de humilhar esses eleitores é desestimular suas campanhas para fortalecer ainda mais o líder da pesquisa. As charges previam, baseadas nos números do Instituto Soma, que de nada adiantariam os esforços dos outros candidatos concorrentes de Roriz para haver um segundo turno, pois a eleição seria decidida já no primeiro. O posicionamento tomado pelo chargista pode ser identificado pelo fim que ele pretendia. Esse fim era a vitória de Roriz no primeiro turno. Logo, o chargista apóia o peemedebista.

Em contrapartida, o jornal *Correio Braziliense* publicou durante os meses de setembro e outubro, várias charges, desenhadas por Oscar, criticando o candidato do PMDB ao governo local. O pesquisador procurou analisar quatro delas, pois concluiu serem suficientes para realizar um estudo pertinente.

As ilustrações analisadas de Oscar têm como tema o envolvimento de Roriz com o candidato a deputado distrital, Pedro Passos, do PSD, o qual foi acusado de grilagem de terras. As denúncias, publicadas nesse mesmo jornal no mês de setembro, mostravam ligações de amizade entre os dois candidatos para realizarem atos ilícitos. As charges criticam também o fato de existirem “laranjas” para burlar as investigações da polícia quanto a suas relações e a distribuição de lotes sendo utilizada como moeda eleitoral.

O primeiro desenho analisado foi publicado pelo *Correio* no dia 23 de setembro (Figura 4). Ele mostra Roriz irritado por não conseguir espantar com um mata-moscas alguns enunciados de pegadas que lhe incomodam como insetos. Os índices de pegadas assumindo o papel de moscas representam Pedro Passos, pois o seu sobrenome pode ser simbolizado metaforicamente por estas marcas. Parafraseando as notícias do jornal, Oscar pinta de forma irônica a tentativa frustrada de Roriz em evitar sua proximidade com o candidato do PSD.



**Figura 4**

As acusações de grilagem contra Pedro Passos preocuparam o peemedebista que, temendo que sua imagem associada à de Passos prejudicasse a campanha ao governo, negou qualquer ligação com este. Contrariando as declarações do governador, a polícia federal, que investigava o caso, apresentava provas de que Roriz mantinha negócios junto com Passos. A ironia pode ser identificada na expressão de raiva do candidato à reeleição, por ter seu depoimento negado pela polícia, já que essa apresentava provas contundentes das relações entre ambos.

Uma interpretação mais pejorativa pode ser feita nesta charge. Associando a representação metafórica de que Passos são moscas e utilizando o arquétipo de que esses insetos circulam em ambientes sujos, Roriz pode ser interpretado como algo imundo, pois as moscas estão a rodeá-lo. O substantivo “sujeira” é muito usado no campo político para caracterizar corrupção. Como o candidato à Câmara Legislativa está ligado ao governador por conta de escândalos desse âmbito, e utilizando o desvio da metáfora para realizar a crítica de forma eloqüente, é possível criar a seguinte paráfrase do fato: os ‘passos’ estão procurando a sujeira, Roriz.

No dia 27 do mesmo mês, Oscar fez uma nova charge abordando o tema dos laranjas e das ações assistencialistas utilizadas com fins eleitorais pelo governador (Figura 5). O desenho apresenta o peemedebista gravando sua propaganda política. Nela, Roriz mostra uma laranja para a câmera e diz a frase “Além de lotes, daremos laranjas!”. Ele sustenta um sorriso sarcástico.



**Figura 5**

A frase representa metaforicamente algumas das promessas feitas pelo candidato em sua campanha para conquistar votos. A primeira oração expõe a tradicional forma de barganha, presente no inconsciente coletivo, usada pelo peemedebista nesta e em outras eleições. Portanto, ela não surpreende, logo, não apresenta ironia. Mas a segunda promessa “...daremos laranjas!” é uma sátira, pois, mesmo com a exposição da fruta aos telespectadores, a mensagem deve ser lida de forma figurada.

As frutas que o governador oferece não representam alimentos, e sim, as pessoas que serviriam de testas-de-ferro dos esquemas corruptos de Roriz e Pedro Passos. Os policiais costumam usar o termo “laranja” para conotar essas pessoas. Como os candidatos utilizavam os “laranjas” para burlar as investigações, o chargista utilizou essa conotação para criticá-los.

A ironia está na capacidade de poder, o público, executar duas leituras: a figurada e a literal, pois ambas são válidas como crítica. Porém, apenas a figurada pode atingir o objetivo da mensagem, que é fazer rir, pois a leitura literal só provocaria indignação ao público, devido à forma criminosa como Roriz estaria utilizando seu programa, oferecendo alimentos e lotes em troca de votos.

O sorriso sarcástico é um enunciado posto para zombar do governador, pois ele representa uma expressão de deboche feita por este, que subestima a inteligência de seus eleitores. Esse sorriso é um sinal de que Roriz pensa que os eleitores acreditaram em suas promessas. Esse sentido pode ser identificado na paráfrase: brasilienses tolos, crêem em tudo que falo.

Como a intenção de toda charge é ridicularizar seu alvo, e a denotação da mensagem não o faz, a interpretação do texto deve ser feita metaforicamente. As laranjas oferecidas pelo peemedebista são uma alusão às inúmeras promessas feitas por Roriz e seu

envolvimento com Pedro Passos. O chargista expõe o discurso assistencialista de forma hiperbólica para humilhar o candidato à reeleição, pois, utilizando o jargão policial, ele promete dar, até mesmo, cúmplices de seus esquemas ilegais, os “laranjas”, se for eleito.

Sem mudar de foco, Oscar faz outra charge no dia 6 de outubro, data da eleição, com os temas Roriz, Passos e “laranja” (Figura 6). A ilustração mostra o peemedebista caminhando e olhando para trás. Irritado, ele observa uma pessoa com cabeça de laranja seguindo suas pegadas. A expressão do governador mostra que a presença dessa pessoa o incomoda.



Figura 6

Identificando os intertextos presentes em cada enunciado dessa charge, é possível deduzir que as “pegadas” representam os Passos, assim como na figura número 5, e o “homem-laranja” as laranjas conotadas na figura 6. O motivo da cólera de Roriz é o mesmo, justificado na figura 4: a tentativa frustrada de afastar sua imagem de Pedro Passos, pois, por mais que ele negasse qualquer envolvimento com o candidato a distrital, a polícia sempre apresentava provas contrapondo seu discurso.

As pegadas podem ser lidas como as provas da polícia, pois elas representam os vestígios deixados pelo governador de seu envolvimento com o candidato do PSD. A proximidade entre eles pode ser vista parafraseando o desenho: onde Roriz anda ficam as pistas de sua relação com Passos. A ironia está na tentativa inútil do candidato à reeleição de evitar suas pegadas: Passos.

O desenho mostra ainda um personagem indesejável que seria um dos “laranjas” seguindo o caminho traçado pelo governador. Assim como foi feita a leitura da figura 5, ele representa um testa-de-ferro dos esquemas corruptos entre Roriz e Passos. A sincronia com que o personagem pisa nas pegadas do peemedebista sinaliza sua representação: simbolizar um dos “laranjas” dos candidatos, já que este segue o caminho traçado por Roriz. Uma

nova paráfrase pode revelar este sentido: por trás dos negócios ilícitos de Roriz e Passos estão os laranjas.

A cólera do governador pode ser justificada pela falta de habilidade deste em burlar as acusações contra sua pessoa, representadas pelas pegadas e o “laranja”. Essa fragilidade é explorada para rebaixar o peemedebista de forma mais eloqüente possível.

Essas três ilustrações de Oscar mostram que, diferente de Lane, o chargista se posicionou contra o candidato do PMDB de forma explícita, pois este foi colocado sempre como alvo de suas críticas. A seleção dos temas utilizados para ridicularizar o líder da pesquisa do Instituto Soma foi escolhida para prejudicar sua campanha. Logo, essa atitude favorecia os outros candidatos ao governo local, principalmente o Geraldo Magela, do PT, segundo colocado na pesquisa e principal adversário de Roriz. Pode se deduzir então que Oscar tomou, assim, a posição do petista.

### **3.2 – Lane Vs. Oscar (segundo round)**

Como foi explicado no início do tópico anterior, este estudo não pretende julgar se a ideologia de Lane é mais correta do que a de Oscar e vice-versa. E muito menos, se as charges interferiram no resultado da eleição, tanto no primeiro quanto no segundo turno. É importante lembrar que a pesquisa consiste apenas em desvelar os enunciados, presentes nas ilustrações, para identificar o posicionamento dos desenhistas, logo, do veículo que estes representam.

Porém, é válida a interpretação de que, pela intenção do *Jornal de Brasília* – a eleição ser decidida no primeiro turno –, identificada por meio das análises de suas charges, este veículo sofreu grande derrota, pois a eleição foi para o segundo turno. No entanto, o mérito desse resultado não foi avaliado neste estudo, devido a seu objetivo consistir em identificar qual candidato cada mídia defendeu, e mostrar como as charges representam a opinião do jornal. Coube ao pesquisador analisar se o novo cenário eleitoral influenciou os temas dos chargistas.

Este contexto exigiu que Lane mudasse o foco de suas críticas, pois não era possível ridicularizar o fato de haver um 2º turno, como o fez anteriormente, já que este era real. Então, com a nova circunstância política, o alvo de suas sátiras passou a ser Geraldo Magela, adversário de Roriz no segundo turno. O *Jornal de Brasília* publicou no dia 12 de outubro a primeira charge na qual caricaturava a imagem do petista (Figura 7).





**Figura 7**

A ilustração mostra Magela tocando flauta e os outros candidatos ao governo do DF, que o apoiaram no 2º turno, seguindo-o. No final da fila está uma criatura “bisonha”, com a sigla Asefe escrita na barriga, dizendo: “Esperem por mim!”. Todos estampam um sorriso na face, o que expõe a alegria de estarem acompanhando o petista. O tocador responde à satisfação de seus companheiros com um piscar de olho.

O monstro representa o escândalo da Associação de Assistência aos Servidores da Fundação Educacional (Asefe), que investigava denúncias de candidatos do PT terem recebido dinheiro da associação para financiar suas campanhas em 1998. O caso rendeu uma CPI, que foi instaurada em setembro de 2002, na Câmara Legislativa do DF. Lane escolheu este tema para prejudicar a candidatura de Geraldo Magela, pois ele era atual e envolvia o PT em esquemas de corrupção.

O chargista faz uma alusão à fábula *O Flautista de Hamelin*, que conta a história de um tocador de flauta que atraía ratos por meio da música. A ironia está no deslocamento dos personagens que são comparados metaforicamente com os ratos do conto. No campo político, a associação de uma pessoa a esse animal significa que ela é corrupta, logo, os companheiros de Magela, assim, o são. O monstro que representa um escândalo dessa dimensão reforça essa idéia, pois ele acompanha os prevaricadores.

O sentido da mensagem é colocar o petista como corrupto, devido ao escândalo da Asefe envolver o seu partido, e seus amigos serem “ratos”. Esta associação pode ser identificada pelo dito popular “Diga-me com quem tu andas e te direi quem és”. O significado vem à tona por meio da paráfrase: as características de seus amigos representam as suas. A “piscadinha” que Magela dá aos seguidores mostra que ele está entre companheiros, que são corruptos, logo, pelo dito popular, é um deles.



Com o mesmo tema, corrupção, mas mudando de alvo, o *Correio Braziliense* publicou uma nova charge de Oscar ridicularizando Joaquim Roriz, no dia 13 de outubro (Figura 8). Assim como no último desenho analisado de Lane, a ilustração do *Correio*, satirizando o peemedebista, foi influenciada pelo resultado do primeiro turno. Ela mostra o candidato do PMDB levando uma urna-eletrônica ao Procon. Ele está irritado, e espera na fila a vez para ser atendido. Outras pessoas, que também aguardam atendimento, olham espantadas para o objeto carregado pelo governador.



Figura 8

Contextualizando a charge, o fato de levar um objeto ao Procon significa que ele está quebrado, e seus proprietários pretendem acionar a Justiça para processar o fabricante. A ironia é identificada pelo equipamento que Roriz segura. Diferente dos eletro-eletrônicos encontrados na ilustração, uma urna-eletrônica não pode ser adquirida como um bem pessoal, como mostra o desenho. Ela pertence ao Estado, à Justiça Eleitoral, pois foi elaborada por este e para fins deste, e não particulares. Portanto, ela não pode pertencer ao governador. Existem dois fatores que poderiam caracterizar a posse do equipamento: ele foi roubado ou falsificado. Ambas ações são crimes.

Oscar faz referência ao fato de Roriz ter falsificado urnas para ganhar as eleições logo no primeiro turno. O chargista pretendia lembrar os leitores do episódio ocorrido em setembro, do mesmo ano, em que a Polícia Federal apreendeu em Brasília urnas falsas que supostamente deveriam ser utilizadas na eleição do DF. Os equipamentos continham apenas o candidato do PMDB como opção de voto para o governo local, o que aproxima as suspeitas de seu envolvimento com o caso.

O sentido da charge pode ser interpretado desta forma: o governador está irritado, pois a falsificação não funcionou como deveria. Ele havia comprado o produto, a urna falsa, para ganhar as eleições no primeiro turno. Como isso não aconteceu, o peemedebista

ficou possesso com a falha do equipamento. Agora, ele pretende processar o fabricante, assumindo, assim, a posse do material ilegal. Logo, que é criminoso.

A ironia está na acusação feita pelo chargista e na reação de espanto das outras pessoas ao olhar o objeto nas mãos do governador, o que seria identificado como a prova de seu crime. Porém, elas estão atônitas, também, pela contradição encontrada em tal fato, que beira o surrealismo: o peemedebista, após ter praticado uma ação ilícita, pretende utilizar seus direitos de consumidor, como se o objeto fosse legal.

## CONCLUSÃO

A partir da análise das oito charges que funcionaram como *corpus* no trabalho e da pesquisa bibliográfica desenvolvida, pode-se afirmar que cada veículo – *Correio Braziliense* e *Jornal de Brasília* – tomou uma posição diferente quanto às candidaturas ao governo da capital federal, nas eleições de 2002. Isso foi observado à medida que, por meio dos mecanismos utilizados de Análise de Discurso, o estudo revelou a intenção das mídias ao escolher determinados temas e personagens como alvos das sátiras.

Os posicionamentos se manifestaram em metáforas associadas às figuras representadas, portanto, podem ser analisados a partir da compreensão do deslocamento dos enunciados. Como toda charge tem como característica provocar o riso, e este efeito é alcançado por meio do discurso irônico, ela deve ser lida de forma figurada. Porém, vale lembrar que a associação desses desenhos apenas ao lúdico é uma impressão equivocada.

O caráter revelador e opinativo das charges as difere de um simples entretenimento. O uso da imagem como instrumento de opinião tem o objetivo de influenciar um público maior do que aquele grupo dedicado à leitura atenta dos gêneros opinativos convencionais: artigo, editorial etc. É que a imagem, na imprensa, motiva de tal modo o leitor e produz uma percepção tão rápida de opinião que se torna instrumento eficaz de persuasão. Essas ilustrações são opiniões das empresas que as publicam, pois seguem a linha editorial dos veículos nos quais são apresentadas. Por esses motivos, os alvos das críticas de Oscar são diferentes dos de Lane, por estarem inseridos em jornais politicamente rivais na época.

A comparação entre ambos chargistas, realizada neste trabalho, procurou destacar os posicionamentos diferentes tomados pelos veículos *Correio Braziliense* e *Jornal de Brasília*, nas eleições de 2002. Para entender a visão de cada jornal é necessário compreender a intenção destes ao escolher determinados fatos e personagens como temas de suas charges.

Enquanto as ilustrações de Lane se focavam em ridicularizar aquelas pessoas que torciam por um segundo turno, Oscar procurou atirar contra Joaquim Roriz, do PMDB, o líder da pesquisa do Instituto Soma para o governo do DF. A intenção do *Jornal de Brasília* era colocar o segundo colocado na pesquisa como um derrotado para desestimular sua campanha, o que favorecia o peemedebista. Já o *Correio* pretendia expor de forma irônica

as diversas denúncias de corrupção sofridas por Roriz para que este perdesse popularidade, o que favorecia o candidato Geraldo Magela, do PT, segundo colocado na pesquisa.

Como a eleição foi para o 2º turno, Lane teve que mudar o foco de suas críticas, mas não o posicionamento. Então, ele fez uma charge que criticava o petista, adversário de Roriz no novo contexto. A intenção do *Jornal de Brasília* era satirizar Magela, associando sua imagem ao escândalo da corrupção da Asefe para que este perdesse votos, o que favorecia o candidato do PMDB. Isso mostra que o jornal tomou a posição de Roriz.

Diferente dessa tendência, Oscar continuou produzindo charges que humilhavam o peemedebista. Ele não precisou mudar de foco como Lane, mas, assim como o chargista do *Jornal de Brasília*, manteve sua ideologia no 2º turno. Associando a imagem do governador a denúncias de envolvimento em casos de corrupção, o chargista procurava rebaixar Roriz para que este perdesse a eleição. Dessa forma, Oscar mostrava que o *Correio* se posicionou favoravelmente ao Partido dos Trabalhadores.

Mesmo depois de identificado o teor ideológico de cada veículo, o estudo não procurou distinguir qual era certo ou errado. Até porque, como afirma o autor, isso não consistia no objetivo da pesquisa. Tratava-se, sim, de revelar, por meio das análises das charges, que elas representam a tendência de um veículo e, de forma mais específica, mostrar o posicionamento do *Jornal de Brasília* e do *Correio Braziliense* quanto a eleição de 2002 no Distrito Federal.

Enfim, o estudo aqui apresentado mostrou algumas possibilidades de leituras e interpretações desse objeto discursivo tão eloquente, sobretudo, no contexto de um ano eleitoral. No entanto, resta salientar que a pesquisa não esgota o assunto, nem apresenta uma análise que tenha a pretensão de ser a única possível. Até porque se utiliza da Análise de Discurso (AD), um método de interpretação que permite amplo uso da subjetividade de quem faz a análise. Por ter apresentado considerações de teor claramente subjetivo, certamente o pesquisador assumiu o risco de incorrer em julgamentos equivocados, com suas conseqüentes lacunas e imperfeições. Afinal, como pressupõe a própria AD, toda interpretação é parcial, incompleta, imperfeita e passível de outras interpretações e críticas.

Apesar de tudo, o pesquisador espera ter dado sua modesta contribuição à ampliação do senso crítico dos leitores de periódicos, pelo menos quanto ao aspecto enfocado – as charges –, cumprindo assim o objetivo deste estudo.

## REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

### Livros

BARBOSA, Gustavo; RABAÇA, Carlos Alberto. *Dicionário de Comunicação*. São Paulo: Campus, 2001.

BERGSON, Henry. *O riso*. 2ªed. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

BORGES, Jorge Luís. *Esse ofício do verso*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

BRANDÃO, Helena Nagamine. *Introdução à Análise do Discurso*. 7ªed. Campinas: Unicamp, 1988.

BRANDÃO, Ana Paula. *Um olhar bem-humorado sobre o Rio nos anos 20*. Rio de Janeiro: Prefeitura do Rio de Janeiro, 2003.

FONSECA, Joaquim. *Caricatura: a imagem gráfica do humor*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1999.

LIMA, Herman. *História da Caricatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1963.

MAN, Paul. *Alegoria da Leitura: linguagem figurativa em Rousseau, Nietzsche, Rike e Proust*. 3ªed. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

ORLANDI, Eli. *Análise de Discurso*. 5ªed. Campinas: Pontes, 2003.